

A VOZ DO
MONTE

Richard Simonetti

A VOZ DO MONTE



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

SUMÁRIO

<i>Medicina do futuro</i>		7
A condição fundamental		11
Quando a dor redime		14
Os herdeiros do planeta		17
A justiça que planejamos		21
Se houvesse misericórdia		24
A retomada da pureza		27
O nascimento divino		31
Os heróis maiores		34
O assédio das sombras		37
O tempero da vida		40
O brilho do Bem		43
A palavra de Deus		46
Ante o próximo		49
Para desativar explosivos		52
Para não complicar		55
O quarto mandamento		59
Mutilações		62
O problema do divórcio		65

O cultivo da verdade	68
Do “talio” à boa vontade	74
A grande revolução	78
O Bem sem propaganda	81
Ante a oração	84
Como orar	87
Condição reafirmada	90
Jejum	94
Tesouros	97
Maneira de vestir	101
O desafio da prosperidade	104
À distância do Reino	107
Autofagia	111
O aspecto sagrado	116
As respostas do Céu	119
Para fazer o que faria Jesus	123
Atletismo espiritual	127
Profetas transviados	131
O mais importante	134
A legislação maior	138

MEDICINA DO FUTURO

DESDE QUE FREUD desbravou o inconsciente, herdeiros de suas teorias, situados em variadas escolas psicológicas, tentam decifrar os enigmas da personalidade humana.

Poucos o fazem acertadamente. O próprio Freud, não obstante seu pioneirismo ou, talvez, por causa dele mesmo, andou tropeçando em idiossincrasias e excentricidades. Por outro lado, a falta de bases mais seguras para semelhantes pesquisas tem resultado na proliferação de teorias sobre comportamento que, assentadas sobre meras lucubrações literárias, inspiradas, sobretudo, na preocupação de originalidade, semeiam perturbadoras ideias em indivíduos menos esclarecidos.

Num ponto há unanimidade, assentada sobre um erro fundamental: pretender-se que os desajustes humanos são mera consequência de pressões exteriores ou circunstâncias existenciais. O psicoterapeuta surge, então, como uma espécie de detetive, a pesquisar, em acontecimentos do passado, a gênese dos males que afligem o paciente. Depois, à maneira de hábil “ferreiro”, *martela* sua personalidade com ilustrada verbosidade, no propósito de corrigir-lhe os desvios e levá-lo ao equilíbrio.

Raros os pacientes que, submetidos a semelhante tratamento, superam, plenamente, suas dificuldades. Nota-se que, enquanto permanecem sob influência dos médicos que os assistem, experimentam animadoras modificações, chegando a ensaiar um clima de euforia. Infelizmente é uma reação artificial, mero condicionamento que necessita ser renovado a cada sessão terapêutica, sob pena de recaídas frequentes. Com isso, o tratamento pode prolongar-se indefinidamente.

As ciências psicológicas prendem-se, assim, a estreitos limites. Não constataram, sequer, que o porão da individualidade, o inconsciente, é muito mais vasto do que imaginam, guardando não apenas o exíguo depósito de experiências da vida presente, mas todo um universo de vivências anteriores, que se perdem na noite dos séculos, *iceberg* gigantesco que deixa entrever ínfima parcela de seus segredos.

É esse vasto patrimônio de experiências nem sempre edificantes, e não raro comprometedoras, que exerce as pressões psicológicas desajustantes, originando fobias e compulsões, depressões e angústias, tensões e sofrimentos.

Os decantados traumas, que marcam, indelevelmente, o indivíduo, inibindo-o e infelicitando-o, atribuídos a acontecimentos chocantes ou à carência de afetividade nos primeiros anos de vida, guardam importância, intensidade e extensão compatíveis, acima de tudo, com sua bagagem cármica. Um incêndio, um acidente, uma agressão física, maus-tratos, pais indiferentes — tudo isso pode afetar lamentavelmente uma pessoa e nada significar para outra, porquanto a reação de ambas será sempre um processo de acomodação psicológica, orientada por sua posição evolutiva. Isto significa que, ante os males que nos afligem, somos vítimas, em primeiro lugar, de nós mesmos.

Talvez os discípulos de Freud consigam resultados melhores quando descobrirem a Reencarnação. Assenhoreando-se das

técnicas de regressão de memória, sob indução hipnótica, poderão ter um quadro mais amplo, relacionado com os desajustes do paciente.

Somente a pesquisa demonstrará até que ponto essa iniciativa terá resultados satisfatórios, considerando-se que para o homem comum o esquecimento das vidas anteriores funciona como um mecanismo de defesa, já que ele não está suficientemente preparado para contemplar, sem graves prejuízos para seu psiquismo, as defecções passadas. Acresçam-se os problemas de relacionamento que fatalmente surgiriam de tal conhecimento, particularmente no lar, onde inúmeras dificuldades se originam na animosidade latente de inimigos ferrenhos colocados em convivência compulsória pela Sabedoria divina, a fim de transformar o ódio em amor.

Muito mais importante do que identificar os desvios do passado seria definir os rumos do presente, na procura de um caminho seguro, capaz de nos conduzir à sonhada estabilidade íntima, capacitando-nos a desfrutar, plenamente, dos patrimônios da Vida.

Jamais essa senda redentora foi tão maravilhosamente delineada como certo dia, há quase dois mil anos, quando o Sábio dos sábios, Mestre por excelência, falou a pequeno grupo de discípulos que, naquele instante, representavam a Humanidade inteira:

“Bem-aventurados os humildes, porque deles é o Reino dos Céus...” (Mateus, 5:3.)

Iniciava-se o Sermão da Montanha, no qual, em breves minutos, Jesus compôs, com a simplicidade da sabedoria autêntica e com a profundidade da verdade revelada, uma síntese das leis morais que regem a evolução humana.

Gandhi, o inesquecível líder hindu, dizia que o Sermão da Montanha é a mais bela página da Humanidade. Por si só

preservaria os patrimônios espirituais humanos, ainda que se perdessem os livros sagrados de todas as religiões.

Renan, o demolidor exegeta do Evangelho, via no Sermão da Montanha a essência mais autêntica do Novo Testamento, a conter, em plenitude, a inconfundível moral do Cristo.

Dia virá em que ele fará parte dos currículos escolares, mostrando que não existe orientação mais segura, nem terapia mais eficiente para os desequilíbrios do comportamento humano do que a aplicação do sublime código moral contido nos princípios apresentados por Jesus.

Oferecendo alguns comentários em torno do Sermão da Montanha, prestamos nossa homenagem a Allan Kardec, o insigne Codificador da Doutrina Espírita, cujos princípios nos permitem apreciar de forma mais ampla o pensamento de Jesus.

Bem sabemos que outros companheiros já o fizeram com maior propriedade, mas guardamos a convicção de que o assunto está longe de ser esgotado. Pelo contrário, há necessidade precisamente de que o Sermão da Montanha seja lembrado, difundido, exaltado, explicado, estudado, comentado, discutido, dissecado, reafirmado, conscientizando o homem da presença de Deus, o Pai decantadamente justo e misericordioso, mas displicentemente negado e esquecido.

Bauru (SP), 9 de junho de 1980.

A CONDIÇÃO FUNDAMENTAL

“Bem-aventurados os humildes, porque deles é o Reino dos Céus.” (MATEUS, 5:3.)

MUITA GENTE CONFUNDE humildade com pobreza. Daí considerar-se bem-aventurado o pobre. Dele, segundo Jesus, seria o Reino dos Céus.

Essa ideia levou muitos cristãos, no passado, à renúncia dos bens materiais, chegando ao extremo de cultivarem a indigência, no pressuposto de que, quanto mais miseráveis na Terra, mais ricos aportariam no Além.

Um mínimo de bom senso, todavia, é suficiente para perceber que o fato de o indivíduo não deter bens materiais em absoluto significa que as portas do Céu lhe estejam abertas, da mesma forma por que não se pode afirmar que permaneçam cerradas aos detentores de riquezas. Há pobres maus e ricos bons, e vice-versa. O dinheiro é neutro. Tanto pode ser utilizado para o Bem como para o Mal. Com ele compramos o leite que alimenta a criança e o tóxico que compromete o jovem.

Exprimindo uma posição interior, e não uma circunstância exterior, a humildade não pode ser avaliada sob o ponto de vista econômico.

O caminho dessa realização sublime em nós é o reconhecimento de nossa pequenez diante do Universo e a consciência plena de que tudo pertence a Deus, o Senhor supremo que somos chamados a servir, acatando-lhe a vontade nas circunstâncias da Vida e respeitando-lhe a obra da Criação, seja na pessoa do

semelhante, no animal, na árvore, na flor, no fruto, no inseto, na paisagem que nos cerca.

Somente assim estaremos em condições de ingressar no Reino. Onde o encontraremos? Na Terra, transformada em paraíso, quando o Mal houver sido definitivamente derrotado? Ou se localizará em distante constelação? Será em plano de matéria densa ou em etéreas regiões espirituais?

Nada disso! “O Reino” — diz Jesus — “está dentro de vós!”

Compete-nos, pois, localizá-lo em nosso universo interior, essa gloriosa edificação que poderíamos definir como o estado de harmonia perfeita, de inefável tranquilidade, de sintonia plena com as fontes da Vida!

Por que a humildade é indispensável?

A resposta é simples: para ingressar nesse estado de graça é preciso ser livre e, por estranho se afigure, somente o homem humilde desfruta de liberdade plena.

Todos temos aspirações em torno de determinadas realizações e empregamos esforços no sentido de concretizar nossos desejos: estabilidade financeira, sucesso na profissão, progresso material, conforto, casa, automóvel, família, filhos...

São temas que constituem nossas motivações mais frequentes. Não raro, entretanto, empolgamo-nos em demasia e tudo isso, que deveria ser parte de nossa vida, se transforma em finalidade dela. Então nos escravizamos.

Há, por exemplo, o homem que se empenha no louvável propósito de melhorar sua situação financeira. Monta um estabelecimento comercial, prospera... Sempre procurando melhorar, monta outro negócio, prospera... Depois outro e mais outro, prosperando sempre. Acaba movimentando fortunas imensas, mas já não é dono de si. Não dispõe de tempo para nada mais. Problemas se avolumam e, quanto mais cresce sua fortuna, maiores suas preocupações, mais lacerantes suas tensões, menor sua liberdade.

Pior, talvez, o jugo daqueles que não conseguem realizar as aspirações a que se prendem. O casamento que não se concretiza, o filho que não nasce, o mal que não é debelado, o sucesso que não chega... Estes resvalam facilmente para a frustração e o desânimo que geram infernos de perturbações em suas vidas.

O homem humilde também alimenta aspirações. Afinal, elas representam a mola propulsora do progresso humano. Distingue-se, porém, pelo fato de não se apegar, reconhecendo que o mais importante é definir e cumprir os desígnios divinos, sintetizados na aspiração maior — servir a Deus!

Por isso desfruta de liberdade plena para construir o Reino em seu coração.

QUANDO A DOR REDIME

“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.” (MATEUS, 5:4.)

AS LÁGRIMAS EXTRAVASAM emoções intensas. Choramos quando estamos muito felizes ou muito amargurados. Não obstante servir à alegria e à tristeza, convencionou-se que elas representam os males da existência.

E na Terra, planeta de expiação e provas, segundo a definição de Kardec, choramos todos, desde o magnata ao miserável, desde o palácio à choupana.

Jesus promete que seremos todos consolados. Essa expressão soa quase vazia de significado. Afinal, é muito pouco, diante dos males maiores, receber algo parecido com a iniciativa do amigo que toca de leve em nossos ombros, afirmando: “Não é nada, meu velho! Coragem! Tudo passa!...”

Todavia, a expressão será bem mais significativa, de alcance bem maior, se lhe emprestarmos o significado de compensação. Poderíamos dizer, então, que bem-aventurados são os que sofrem, porque seus males serão compensados por alegrias futuras.

É da própria Vida que após a tempestade surja a bonança. Que a noite seja véspera do dia. Às horas de amargura sucedem-se períodos de tranquilidade. E ainda que a existência inteira seja uma noite escura de lutas e sofrimentos, experimentaremos a alvorada gloriosa da imortalidade, ao cessar a existência humana com suas limitações.

Oferecendo o ensejo de despertamento e resgate, as dores da existência representam o preço nunca demasiadamente alto

que pagamos para o ingresso nas bem-aventuranças celestes. Seja a dor física, que depura, seja a dor moral, que amadurece, temos em suas manifestações o cuidado de um mestre inflexível que nos disciplina e orienta, preparando-nos para assumir a condição de filhos de Deus e herdeiros da Criação.

É preciso considerar, contudo, que não basta sofrer, porquanto, se as lágrimas nos preparam para o Reino dos Céus, que, segundo Jesus, é uma experiência íntima, uma construção interior, não podemos olvidar que o próprio Mestre situa a humildade por alicerce fundamental.

Pouco aproveitaremos de nossas dores sem a consciência de nossa pequenez diante de Deus, o Pai de sabedoria infinita, que conhece melhor do que nós mesmos nossas necessidades essenciais e nos oferece experiências que guardam relação não apenas com nosso merecimento, mas também com o preparo de uma gloriosa destinação.

Os que vivem a murmurar, que clamam ao Alto por seus males, que se revoltam, que não se conformam, que se rebelam, estão marcando passo. Suas dores não edificam nem depuram. Suas lágrimas são ácidas e amargas, gerando males não programados, amarguras desnecessárias, infelicidade voluntária.

Os desajustes maiores que afligem a criatura humana não são decorrentes dos débitos do passado, e sim da rebeldia do presente. Não sofremos tanto pelo resgate. Afinal, isto deveria ser motivo até de satisfação. A dor maior decorre do fato de pretendermos recusar o sofrimento. É a lamentável situação do devedor que marca dia para o credor vir receber seu dinheiro e quando isto acontece recusa-se terminantemente a pagar.

Seria de perguntar-se: Quando é que a nossa dor representa resgate do passado sem complicações para o futuro? Quando é que, por meio dela, estamos realmente preparando a felicidade futura?

Diríamos que é quando o nosso comportamento, diante da dor, não gera sofrimento naqueles que nos rodeiam.

Quantas famílias atravessam amarguras intensas com alguém doente em casa, não tanto pela enfermidade e, muito mais, pela inconformação e agressividade do enfermo?!

Quantos pais derramam lágrimas abundantes em face dos desatinos cometidos por seus filhos, que se mostram incapazes de suportar com dignidade os embates da existência?!

Quantos homens e mulheres amargam anos de convivência com cônjuges neurastênicos e agressivos porque a Vida não lhes atendeu as solicitações?!

Os que assim se comportam, espalhando sofrimento porque não sabem sofrer, estão castigados desde agora pela angústia, que é o clima sufocante em que se debatem interiormente, adiando para um futuro incerto a edificação de suas almas.

Mas, se formos tão humildes diante da dor, que jamais acrescentemos naqueles que nos amam sofrimentos outros além dos decorrentes da convivência com quem sofre, e o que é mais importante: se conseguirmos transformar nossas experiências com o sofrimento em exemplos dignificantes de confiança e serenidade, em plena aceitação da vontade de Deus, então nossos males trarão as marcas abençoadas da redenção, preparando-nos o ingresso glorioso no Reino dos Céus.

Em verdade, se tivermos tal disposição, estaremos nele desde agora, ainda que o sofrimento seja nosso companheiro inseparável.

OS HERDEIROS DO PLANETA

“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.” (MATEUS, 5:5.)

HÁ A VELHA HISTÓRIA de um navio perdido que, por muitos meses, navegou por mares desconhecidos. Certo dia, a tripulação, exultante, viu, a distância, numa elevação de terreno, junto à praia que surgia, uma força. Todos respiraram aliviados: “Graças a Deus! Finalmente regressamos à civilização.”

O episódio exprime com propriedade o desvirtuamento de certas expressões. Civilização seria a plenitude do desenvolvimento cultural e espiritual da Humanidade, com a eliminação da violência e da agressividade, formas primitivas de comportamento. A força, por isso, jamais poderia representá-la, porquanto é a própria negação de seus valores. A morte como castigo para o crime exprime uma conceituação simplista da delinquência, que Jesus, há dois mil anos, situava como enfermidade da alma. O enfermo deve ser medicado, não eliminado.

Esta lembrança nos vem a propósito da palavra mansidão, que, deturpada, tem hoje um sentido quase pejorativo. Usá-la para referir-se a alguém soa como um xingamento, como se dissessemos: “Fulano é um infeliz! Não tem reação nenhuma! Corre água em suas veias.”

Isto porque estamos distanciados da angelitude, e a violência é o clima próprio da personalidade humana, ainda próxima da animalidade. Por isso, os que exteriorizam impulsos de agressividade são chamados “homens de verdade”. Mas são estes, também, que geram a infelicidade no lar, o desentendimento no ambiente

profissional, a discórdia na sociedade, as lutas entre os indivíduos, as guerras, a confusão no mundo.

Se diante da rudeza humana a mansuetude parece vexatória, quase um mal, diante de Deus ela representa um passo decisivo no caminho do aprimoramento moral, realização básica para que nos habilitemos a viver em plenitude.

Assim como a humildade nos liberta das pressões exteriores, que nos induzem ao cultivo das ambições humanas, a mansuetude nos liberta das pressões interiores, que nos situam como um vulcão prestes a entrar em erupção, extravasando lava ardente em atos e palavras, sempre que surjam a contrariedade e o dissabor.

Se o familiar faz uma observação menos feliz ou comete algum engano, solenizamos o assunto, conturbando o ambiente doméstico...

Se alguém nos ofende, ou revidamos imediatamente, ou nos sentimos terrivelmente angustiados...

Se sofreremos prejuízo material, empolgamo-nos pela irritação, pensamos em processar os responsáveis e por longo tempo apresentamo-nos inquietos e perturbados...

O nosso centro de gravidade emocional não tem raízes em nós mesmos — permanecemos flutuando, ao sabor das circunstâncias.

Já o indivíduo manso consegue sobrepor-se aos acontecimentos, mantendo-se calmo e equilibrado, sem reações negativas, não porque seja impassível, não porque não se importe, mas simplesmente porque é dono de si mesmo.

Herdar a Terra não significa, naturalmente, que ela se tornará nossa propriedade, mas que viveremos aqui, quando expulsas as forças do mal, nosso mundo deixar o estágio de planeta de expiação e provas — onde o egoísmo predominante nos corações é o elemento forjador da miséria humana — para a categoria

de planeta de regeneração, onde consciências despertas, em relação aos objetivos da existência, elegerão o serviço no campo do Bem, a Seara Divina, por supremo recurso de reabilitação e bem-estar.

Embora sem a clareza que caracteriza a Doutrina Espírita, as tradições cristãs acenam com as mesmas perspectivas, chegando a situar tais acontecimentos no dia do Juízo Final, quando ocorreria a ressurreição dos mortos que, segundo os teólogos, reapareceriam em carne e osso, com o mesmo corpo que usaram, em milagrosa e inconcebível reorganização celular.

O princípio da reencarnação é bem mais racional, mostrando-nos que a ressurreição nada mais é que um retorno à carne, em novo corpo, e tanto mais somos forçados a aceitá-lo quanto melhor observarmos a condição imposta por Jesus: *somente herdarão a Terra os que forem mansos*.

Ora, quem o é, verdadeiramente? Mesmo aqueles que têm um comportamento exemplar, um dia “perdem as estribeiras”. Sem a reencarnação o mundo ficaria deserto, já que, com raríssimas exceções, todos temos muita violência a esgotar.

Ao longo de vidas sucessivas, com a aplicação da lei de causa e efeito, que nos obriga a receber de volta todo mal praticado, aprendemos a conter os impulsos primitivos, ajustando-nos às Leis Divinas.

Aquele que se compraz em utilizar a força física para impor sua vontade, renascerá em corpo linfático, mirrado, que inibirá sua agressividade, ensinando-o a respeitar o semelhante.

Aquele que fere com a palavra, que mente e difama, que ofende e magoa, ressurgirá com distúrbios nas cordas vocais ou limitações nos centros de coordenação da fala, obrigando-o a estancar o próprio veneno.

Aquele que cultiva o rancor, a mágoa, o ressentimento e o ódio, espalhando desajustes ao longo de seus passos, renascerá

com a mente torturada por mil problemas, que o farão cogitar dos valores do perdão e da fraternidade.

Assim, paulatinamente, a Vida eliminará o troglodita que há em nós, a fim de que nasça o anjo. Então estaremos preparados para a divina herança...

A JUSTIÇA QUE PLANEJAMOS

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.” (MATEUS, 5:6.)

ESTA AFIRMATIVA DE JESUS parece distanciada da realidade, porquanto, aparentemente, a mais flagrante injustiça reina na Terra, onde há ricos e pobres, bons e maus, santos e facínoras, atletas e paralíticos, gênios e idiotas...

Ainda que esta justiça de que o Mestre nos fala exprima-se no atendimento aos inalienáveis direitos à liberdade, à propriedade e à vida, não a encontraremos na sociedade humana, onde, desde seus primórdios, há os que escravizam e os que são escravizados, os que roubam e os que são roubados, os que assassinam e os que são assassinados. Ela tem sido a bandeira de todos os movimentos revolucionários, agitada por adeptos de todas as correntes sociais e políticas. Estes, entretanto, paradoxalmente, tão logo detenham o poder, transformam-se em novos instrumentos de injustiça, coniventes com as forças reacionárias que há milênios dominam o nosso planeta.

Poderia alguém lembrar que a justiça a que se refere Jesus não reside na vida material. Os que têm fome e sede de justiça serão saciados no Além. Lá haverá castigo para os maus e recompensas para os bons.

O problema é que, em princípio, os privilégios da Terra fatalmente repercutem nas experiências do Céu. O filho de pais nobres, virtuosos, compreensivos, que desde a mais tenra idade é iniciado nos valores do Bem, terá muito mais oportunidades de seguir uma vida reta e digna do que o filho do matador profissional,

que o inicia nos mistérios de sua profissão, incutindo nele um total desrespeito pela vida humana.

Levando mais longe semelhante raciocínio, poderíamos considerar que o indivíduo preso ao leito desde a infância, retardado mental, raciocínio embotado, seria um escolhido de Deus, porquanto isento das tentações do mundo e até mesmo impedido de praticar o mal. Já o indivíduo saudável, belo, atraente, estuante de vida, pleno de vigor, assediado sem tréguas pelos prazeres e ambições humanos, teria muito maior dificuldade em habilitar-se às moradas celestes.

Admitindo semelhante absurdo fatalmente cairemos na teologia medieval das graças divinas. Deus teria eleitos, cumulando-os de recursos em favor de sua salvação e recusando idênticos favores a outros. Há até quem diga que Ele faz sofrer àqueles a quem ama, preparando-os para a felicidade eterna. Conclui-se que, quanto menor o sofrimento da criatura, menor o amor do Criador por ela. Absurdos assim têm levado muita gente ao materialismo. Se a própria justiça humana, apesar de suas limitações, estabelece que somos todos iguais perante a Lei, como pretender que não sejamos iguais perante Deus, que é a justiça perfeita?

Para que não incorramos em enganos semelhantes, é preciso que modifiquemos nossas concepções a respeito da Justiça. Geralmente a concebemos como o atendimento aos nossos direitos e ao cumprimento dos deveres alheios. Pouco pensamos a respeito do que devemos à Vida, ao familiar, à sociedade, mas empolgamo-nos no propósito de definir o que eles nos devem. Nossa fome de justiça situa-se por anseio egocêntrico. Sentimo-nos justificados quando fazem o que desejamos.

Contudo, no plano espiritual, antes da presente existência, pensávamos diferente. Sentindo o peso de nossos débitos e a extensão de nossas fragilidades, planejavamos a jornada terrena, não

no sentido de sermos atendidos em relação às ilusões humanas, mas no sentido de cumprirmos os desígnios divinos, que pedem, antes de mais nada, depuração de nossas almas, edificação de nossos sentimentos, renovação de nossas ideias.

Esta é a justiça a que se referiu Jesus: uma tomada de posição autêntica, corajosa, em relação aos objetivos da própria existência terrestre.

E se conservarmos a fome e a sede de justiça, isto é, a disposição em nos submetemos às provações escolhidas, fazendo sempre o melhor, então seremos saciados, ainda que, aparentemente, o mundo nos reserve toda sorte de injustiças.

SE HOUVESSE MISERICÓRDIA

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.” (MATEUS, 5:7.)

É DA LEI DIVINA que recebamos da Vida o que lhe oferecemos. Bens e males praticados reverterão fatalmente em luzes ou sombras em nosso caminho, flores ou espinhos em nossos dias. A cada um — ensina Jesus — segundo suas obras.

Natural, portanto, que, se esperamos por misericórdia, sejamos misericordiosos. Esse é o grande problema, porquanto raros se compadecem verdadeiramente das misérias humanas.

Se houvesse misericórdia no mundo, não teríamos tantos e tantos correndo atrás de interesses imediatistas — conforto, riquezas, poderes, prazer, com total despreocupação das angústias alheias. Aquele que se interessa pelo próximo jamais pensará em si enquanto houver gente sofrendo...

Se houvesse misericórdia, não teríamos tanta sobra de alimentos em abastadas mansões nem tanta falta deles em esquecidos casebres...

Se houvesse misericórdia, não existiriam famílias com ricos armários abarrotados de roupas e outras que nem mesmo possuem armários ou roupas para serem guardadas neles...

Se houvesse misericórdia, não haveria gente com a agenda tomada por compromissos sociais e festas, enquanto muitos têm as horas preenchidas por sofrimentos e dores, que os enfrentam terrivelmente solitários, como se morassem num deserto...

Se houvesse misericórdia, não conheceríamos a palavra órfão nem seriam erguidos orfanatos, porquanto para cada criança que perdesse seus pais, outros pais achariam um filho..

Gerações futuras, eleitos que habitarão a Terra após o expurgo final, admirar-se-ão profundamente do descaso, da indiferença do homem atual pela sorte de seu irmão. E perguntarão: “Será que não sabiam? Não teriam noção de que jamais haveria felicidade na Terra, enquanto a legítima fraternidade não estabelecesse a comunhão de todos os filhos de Deus, a fim de que bens e males, compartilhados espontaneamente, tornassem suaves todas as dores e completas todas as alegrias, no caminho da redenção humana?”

Há uma lição fundamental que ainda não foi devidamente assimilada pela Humanidade. Somente possuímos o que damos. Apenas o desprendimento de nós mesmos, em doações de trabalho e interesse pelo próximo, acumula valores imperecíveis que rendem felicidade sempre. Não há alegria legítima e duradoura senão aquela que se reflete no sorriso colocado em lábios alheios. Se muita gente transita acabrunhada e triste pela Terra é porque há escassez de misericórdia em seus corações.

Todos temos algo a ver com a confusão do mundo. Numa casa de muitos filhos, onde cada qual esteja vivendo segundo seus próprios interesses, rezando pela cartilha do “cada um por si e o resto que se dane”, teremos, em pouco tempo, um ambiente irrespirável, dominado por conflitos intermináveis, um pequeno inferno para se morar.

Ampliemos essa casa até os limites da Terra e teremos um lar habitado por bilhões de filhos de Deus que ainda não aprenderam a viver como irmãos, fazendo dela a morada da angústia.

A ação individual gera o comportamento coletivo. A soma das tendências dos cidadãos forma a personalidade dos povos. E porque não há misericórdia entre os homens, vemos, no âmbito das nações, a prevalência dos interesses econômicos sobre as

necessidades essenciais da criatura humana, o domínio exercido por países desenvolvidos sobre nações pobres, as guerras geradas pelas ambições desmedidas, o clima de intranquilidade, a exploração do homem pelo homem.

Sabemos que é preciso mudar esse panorama desolador. Mas como fazê-lo? Condenando o mal? Promovendo revoluções? Oferecendo novas ideias? Nada disso adiantará muito.

Os que vivem anatematizando o Mal acabam envolvidos por ele...

Os que promovem revoluções apoiam-se invariavelmente na violência, desarrumando muito mais do que consertando...

Quanto às ideias, já as temos em demasia no mundo. Faltam aqueles que se disponham a colocá-las em prática. Em verdade, não precisamos de muitas ideias. Apenas uma, fundamental, como roteiro de nosso trabalho pela construção de um mundo melhor, se faz necessariamente indispensável. Jesus, que a retirou do Velho Testamento, diz que ela resume tudo: “O amor a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.”

Urge que nos disponhamos a cumprir esse princípio redentor, partindo do pressuposto de que, se não nos compadecermos do próximo, a Vida não se compadecerá de nós.

Cultivando misericórdia, estaremos a caminho do amor, transformados em missionários do Cristo, sempre que estivermos dispostos a estender as mãos ao nosso irmão.

Quando o número de pessoas que procurem viver esse princípio redentor superar os que estão preocupados apenas com a própria sorte, o Reino de Deus começará a ser instalado no mundo.

A RETOMADA DA PUREZA

*“Bem-aventurados os que têm limpo o coração,
porque verão a Deus.” (MATEUS, 5:8.)*

PARA QUE POSSAMOS compreender melhor a presença de Deus no Universo, é preciso que superemos a concepção antropomórfica do patriarca sentado no trono celeste a comandar os anjos, determinando castigos para os maus e oferecendo aos bons a suprema ventura de contemplá-lo, face a face, por toda a eternidade.

Deus é a Mente Criadora, a Consciência Cósmica que construiu o Universo e sustenta a Vida. Estamos mergulhados em seu seio, segundo André Luiz, como peixes num oceano. Tanto mais próximos estaremos dele quanto maior a nossa capacidade de nos ligarmos aos valores espirituais, já que Deus é Espírito e em Espírito deve ser adorado, conforme ensina Jesus.

Os místicos e os santos, cultivando rigorosa disciplina da mente e do sentimento, conseguem sobrepor-se às limitações da matéria e sentem a gloriosa realidade da presença de Deus no Universo, o que os leva a experimentar sensações de felicidade e de plenitude de vida tão intensas que são verdadeiros êxtases celestes.

Há em homens assim uma consciência tão ampla de interação, de comunhão profunda com a Natureza, que um Francisco de Assis, plenamente integrado na obra da Criação, via irmãos seus nas aves, nos animais, no mar, no rio, na flor, no fruto, no Sol, na Lua, nas estrelas...

Para encetar-se a jornada rumo a tão elevado estágio de espiritualidade, é preciso ter limpo o coração. Poderíamos definir

essa pureza como a ausência de sentimentos inferiores — a cobiça, a luxúria, a maldade, o ódio, o ressentimento, a ambição, o orgulho, a vaidade, o egoísmo...

As crianças, não porque detenham a pureza, mas porque os sentimentos inferiores ainda dormitam em seus corações, são mais espontâneas, mais capazes de uma ligação com os valores espirituais, revelando, não raro, uma surpreendente religiosidade.

Nossas orações, nos verdes anos da infância e no início da adolescência, são mais puras. Sentimos mais de perto a presença dos Espíritos em nos dirigirmos aos benfeitores espirituais com muita naturalidade. Por isso, assimilamos amplamente a proteção do Céu ao surgirem as dificuldades da Terra.

Com a maturidade física e a integração na vida social, com seus problemas, seus interesses, suas disputas despertam no indivíduo as tendências inferiores, herança de desatinos passados. E, após um período de conflitos íntimos, nascidos da luta entre os ideais religiosos não bem definidos e amadurecidos e as paixões humanas, arraigadas e fortes em sua personalidade, ele acaba por acomodar-se às próprias fraquezas.

Surge, então, o tipo comum, esmagadora maioria na Terra: o indivíduo que defende o valor do Bem, mas com facilidade se detém no Mal. Alguém que acredita em princípios morais, mas nem sempre age com moralidade. Se atrelado à religião, temos nele o fariseu, preocupado com as aparências, sem cuidar da essência.

Há um castigo imposto àqueles que se deixam levar pelas tendências puramente humanas. É a perda da tranquilidade, a insatisfação crônica, a angústia existencial, marcadas pela incapacidade de orar, de sentir a presença da Espiritualidade. E a Vida, assim, torna-se um fardo terrivelmente pesado.

No passado, muita gente tentava adquirir pureza para o cultivo da religiosidade autêntica, entregando-se a mortificações não raro caracterizadas por excessos mórbidos. Anacoretas pastavam

nos campos, à maneira de animais; outros rolavam nus sobre arbustos espinhentos ou viviam em charcos infestados de serpentes. Monges de determinadas ordens passavam a existência em sombrios mosteiros, sem jamais pronunciarem uma única palavra.

Certamente, tudo o que puderam aprender nessas desastreadas existências foi que ninguém pode encontrar Deus aplicando agressividade contra si mesmo ou fugindo do convívio social.

A retomada da pureza, para o cultivo da fé autêntica, não pode estabelecer-se em clima de isolamento nem de mortificação. Impossível também retomá-la ao nível da ingenuidade ou da simplicidade dos primeiros anos de vida.

Com a Doutrina Espírita aprendemos a retomá-la em níveis mais altos e definitivos, em bases de conscientização, seguindo os caminhos do trabalho no campo do Bem e do combate sistemático às nossas tendências inferiores. Neste particular, há muitas perguntas que deveríamos formular diariamente:

Quantas horas por dia estamos dedicando à participação em obras assistenciais?

Quantas vezes por semana temos comparecido ao círculo da oração, no templo de nossa preferência, não para receber, mas para oferecer algo, em termos de participação?

Quais os recursos que estamos mobilizando para ajudar a combater a miséria e o infortúnio que grassam na vida social?

Quantas vezes temos calado diante das ofensas alheias?

Quantas vezes temos perdoado aos que nos criticam?

Quantas vezes temos disciplinado a língua, evitando a maledicência?

Quantas visitas temos feito a enfermos e necessitados, atendendo suas necessidades imediatas, levando-lhes consolo e esperança?

O que temos feito para edificar o Bem no mundo? Qual nosso empenho por eliminar o Mal em nós?

Em se tratando de comunhão com Deus, o culto religioso, a reunião mediúnica, o trabalho doutrinário, a leitura do livro espírita são recursos preciosos. Todavia, representam apenas um planejamento. Para sentir a presença de Deus, precisamos muito mais de “fazejamento” .

O NASCIMENTO DIVINO

“Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.” (MATEUS, 5:9.)

FILHOS DE DEUS todos o somos, visto que criados por Ele. Todavia, há tantas imperfeições, tanta maldade no ser humano, que se poderia até colocar em dúvida nossa origem divina.

Veja-se, por exemplo, um Átila, tão sanguinário que se ufava de que a erva não mais crescia onde ele passava com seu cavalo; ou um Hitler, que exterminou cerca de seis milhões de judeus, sob o pretexto de preservar a pureza da raça ariana; ou um Nero, que se divertia vendo o gigantesco incêndio de Roma por ele próprio ordenado. Gente assim e todos aqueles que se comprazem no mal poderiam, com muito mais propriedade, situar-se como filhos das sombras.

Sabemos, todavia, que somente Deus tem o poder de criar Espíritos, seres pensantes, dotados de inteligência e livre-arbítrio. A maldade não faz parte de nossa natureza divina. Trata-se de doença contraída por nós mesmos quando cultivamos a rebeldia e o desatino. O indivíduo mau, por isso, é alguém que pede o concurso do tempo e a terapia da dor, a fim de recompor-se no caminho da evolução.

Parecerá estranho o quadro dos conflitos da alma humana, onde identificamos, com muito maior frequência, o desajuste, fruto de nossas incursões no Mal, do que a harmonia que deveria caracterizar nossa origem divina. É que nos falta uma visão em profundidade, e não percebemos que as próprias

contradições humanas, com seus desajustes e males, fazem parte do processo de maturação espiritual que prepara o filho verdadeiro de Deus.

Se abriremos um ovo choco, sentiremos náuseas ante o mau cheiro exalado por aquela pasta viscosa, disforme. Entretanto, o que nos parece decomposição é apenas transformação; o que se nos afigura repugnante é apenas o berço de uma nova vida, que desabrochará, em breve, repetindo a beleza e a poesia sempre sublimes do pintainho que rompe a casca do ovo.

Da mesma forma o ser humano, se analisado em suas tendências, se dissecado em suas fragilidades, parecerá pouco atraente e até repulsivo, quando comprometido com o mal.

É que de certa forma também estamos em processo de gestação no ventre da Natureza. Mas, potencialmente, somos bons, fomos criados para o Bem, tanto que somos realmente felizes apenas quando o praticamos.

E será o Bem que acabará por prevalecer em nossa personalidade, ainda que se faça necessário o concurso dos milênios. Então, rompida a casca da animalidade, surgirá o anjo, o filho verdadeiro de Deus.

Aproximam-se dessa gloriosa realização os que, segundo Jesus, são pacificadores.

Pacificar é trazer a paz.

Perfeitamente lógico que a capacidade de favorecer a paz seja a característica principal do filho verdadeiro de Deus. O primeiro dever de um filho é o de respeitar a casa de seu pai, trabalhando por mantê-la em ordem e harmonia.

Alguém que xinga, que discute, que atormenta os familiares, transformando o lar num verdadeiro inferno, pode ser chamado filho, sob o ponto de vista biológico, mas moralmente é um bastardo, um filho das sombras, por faltar-lhe o elementar dever de gratidão e respeito para com aqueles que o colocaram